

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MEYRE ANGELA DANTAS COSTA

ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: perspectiva teórico crítica

UBERLÂNDIA
2018

MEYRE ANGELA DANTAS COSTA

ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: perspectiva teórico crítica

Artigo apresentado à banca avaliadora
como requisito para obtenção do
diploma de graduação em Educação
Física.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Marina Ferreira
de Souza Antunes

UBERLÂNDIA

2018

SUMÁRIO

Introdução	5
Educação Física numa perspectiva crítica: aporte teórico/metodológico.....	7
O tratamento do Esporte nas aulas de Educação Física	12
Conclusão.....	25
Referências.....	26

ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: perspectiva teórico crítica

Resumo: A Educação Física escolar ainda é vista por muitos professores/as numa perspectiva marcadamente esportivizada. Realizamos uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, investigando a produção teórica de autores e autoras da área que tratam o esporte na Educação Física escolar de maneira crítica. Analisamos oito artigos publicados nos últimos anos a partir de 2010. A partir das análises apresentamos este artigo que visa legitimar outras características do esporte, como os aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos. Além disso, mostrar que existem outras possibilidades temáticas dentro da Educação Física para além do esporte, e mais ainda do esporte visto a partir do patamar da instituição esportiva, que privilegia o treinamento, a formação do atleta, a competição e a especialização são elementos que acabam por promover a exclusão.

Palavras-chave: Esportivização, esporte (da) e (na) escola, Educação Física Escolar, Educação Física Crítica.

SPORTS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: critical theoretical perspective

Abstract: School-based physical education is still seen by many teachers in a highly sporadic perspective. We carried out a bibliographical research of a qualitative nature, investigating the theoretical production of authors and authors of the area that treat sports in school physical education critically. We have analyzed eight articles published in the last years as of 2010. From the analysis we present this article that aims to legitimize other characteristics of the sport, such as social, cultural, economic and historical aspects. In addition, to show that there are other possibilities of themes within Physical Education in addition to sport, and even more of sport seen from the threshold of the sports institution, which privileges training, athlete training, competition and specialization are elements that end up promoting exclusion.

Keywords: Sports, sport (and) school, competition, School Physical Education, critical pedagogical proposals, Critical Physical Education.

DEPORTE EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: perspectiva teórica crítica

Resumen: La educación física escolar todavía es vista por muchos profesores y profesoras en una perspectiva marcadamente deportiva. Realizamos una investigación bibliográfica, de carácter cualitativo, investigando la producción teórica de autores y autoras del área que tratan el deporte en la educación física escolar de manera crítica. Hemos analizado ocho artículos publicados en los últimos años a partir de 2010. A partir de los análisis presentamos este artículo que pretende legitimar otras características del deporte, como los aspectos sociales, culturales, económicos e históricos. Además, mostrar que existen otras posibilidades de temáticas dentro de la Educación Física más allá del deporte, y más aún del deporte visto desde el nivel de la institución deportiva, que privilegia el entrenamiento, la formación del atleta, la competición y la especialización ellos son elementos que acaban por promover la exclusión.

Palabras clave: Esportivización, deporte (da) y (na) escuela, competencia, Educación Física Escolar, propuestas pedagógicas críticas, Educación Física Crítica

Introdução

A Educação Física escolar ainda é vista por muitos professores/as numa perspectiva marcadamente esportivizada¹. Talvez como resultante de uma formação inicial que privilegia a competição e os aspectos técnicos das modalidades esportivas.

Ao longo do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia foi observado que alguns/as professores/as ainda utilizam esse método de ensino, calcado numa visão esportivista da Educação Física. A competição ainda está muito presente nas aulas. Fato este que leva alguns/as alunos/as a não participarem das aulas, uma vez que apresentam dificuldades na execução técnica dos gestos motores.

A abordagem dada à prática como componente curricular, nos diversos Projetos Integrados da Prática Educativa (PIPEs), vivenciados durante a graduação também não ajudaram a romper com essa metodologia. Muitos PIPEs também ficaram restritos a repetição técnica do gesto motor, sem preocupação com o modo como se ensina o esporte, para além dessa perspectiva. Além disso, nos estágios obrigatórios da licenciatura observa-se que os métodos utilizados pelos professores/as nas escolas ainda se encontram arraigados nessa visão esportivista da Educação Física. No ensino básico também, de modo geral, muitos alunos e muitas alunas apresentam dificuldades em participarem das aulas por falta de habilidade técnica, e outros ficam à mercê de alguns professores e algumas professoras que ainda utilizam da “pedagogia da sombra”, ou seja a prática do “rola bola” (entrega uma bola para os meninos e outra para as meninas e aguarda o horário acabar, na sombra). Essa pedagogia da sombra de acordo com González (2016, p. 51) “[...] trata-se da atuação do professor que não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Com frequência, a ação se reduz a uma simples administração do material didático.”

Intentamos com essa pesquisa, a partir da produção teórica de autores/as da área

¹ De acordo com o Dicionário crítico de Educação Física (2005) refere-se à cooptação dos propósitos e práticas pedagógicas da Educação Física escolar pela lógica do esporte de rendimento. Esse processo foi denunciado na década de 80 quando da discussão da identidade da Educação Física escolar. Segundo Bracht (1992, p.22) a esportivização acontece quando a Educação Física assume códigos do esporte de rendimento, e dessa maneira, se tem “não o esporte da Escola, e sim o esporte na Escola, o que indica a sua subordinação aos códigos/ sentidos da instituição esportiva”.

que tratam o esporte na Educação Física escolar de maneira crítica, focar o esporte não delimitado somente ao caráter competitivo e excludente. Ou seja, legitimar outras características do esporte, como os aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos. Em outros termos, mostrar que existem outras possibilidades de temáticas dentro da Educação Física que podem ser trabalhadas com os alunos e as alunas, fugindo da ideia que a Educação Física Escolar se fundamenta apenas no esporte, e mais ainda no esporte visto do patamar da instituição esportiva. O esporte sob os cânones da instituição esportiva privilegia o treinamento, a formação do atleta, a competição, a especialização, enfim, elementos que acabam por promover a exclusão, princípios que não coincidem com uma educação escolar para a diversidade.

As experiências por nós vivenciadas, conforme mencionamos anteriormente, nos levam a afirmar que nos dias atuais a prática pedagógica de muitos professores/as ainda se fundamenta nos quatro esportes mais trabalhados na Educação Física escolar: vôlei, futsal, handball e basquete. Uma vez que, na maioria das escolas, a quadra com as delimitações dessas práticas é o único espaço destinado às aulas de Educação Física. As experiências por nós vivenciadas, conforme mencionamos anteriormente, nos levam a inferir nos dias atuais que, ainda é predominante uma prática pedagógica esportivizada na Educação Física. O tratamento do esporte tem ficado restrito à veiculação de conhecimentos instrumentais de modalidades esportivas de quadra como: vôlei, futsal, handebol e basquete. Situação que poderia estar relacionada ao fato de haver apenas uma quadra poliesportiva como espaço destinado às aulas de Educação Física na maioria das escolas públicas.

Cabe destacar que é recorrente, entre professores/as de Educação Física, a denúncia da falta de condições estruturais de seu trabalho como: ausência de espaço adequado para ministrar aula, materiais insuficientes e depreciados, divisão da quadra para muitas turmas etc. Considerando que uma prática pedagógica esportivizada requer espaços e recursos materiais alinhados as especificidades das modalidades esportivas, a ausência e insuficiência de espaços e recursos não tem possibilitado nem mesmo a concretização prática pedagógica esportivizada na escola, ficando esta apenas no discurso. Em vez disso, professores/as estariam adotando a “pedagogia da sombra” e reduzindo seu papel a administração de materiais e espaços disponíveis.

O fato é que, muitos professores/as, utilizam de justificativas calcadas em problemas de falta de infraestrutura como: não tem espaço adequado para ter a aula, falta de materiais, divisão da quadra para muitas turmas etc., para justificarem sua prática pedagógica.

Qual a contribuição da formação inicial para que essa visão de Educação Física ainda seja predominante na prática pedagógica dos professores/as nas escolas? O desconhecimento das teorias críticas seria uma justificativa para que professores/as ainda utilizem uma perspectiva esportivizada em sua prática pedagógica?

Buscando respostas a estes questionamentos e também procurando dar maior visibilidade às teorias críticas e a perspectiva esportiva defendida por autores e autoras que se vinculam a essas teorias é que propusemos o trabalho aqui desenvolvido, respondendo à seguinte indagação:

Que tratamento deve ser dado ao esporte na escola de acordo com os pressupostos e fundamentos das teorias críticas de Educação Física escolar?

De maneira geral buscamos com esse trabalho compreender os fundamentos teóricos que sustentam as teorias críticas em Educação Física escolar, no que concerne ao tema esporte.

Para atingir tal intento subdividimos a pesquisa em três objetivos específicos a saber:

- 1) Identificar a produção teórica sobre a utilização do esporte na Educação Física escolar, tendo como referência as perspectivas consideradas críticas encontradas nos próprios artigos;
- 2) Identificar se há propostas de ensino implementadas que utilizam essas referências;
- 3) Apontar as críticas dos autores/as em relação ao trato dado ao esporte nas aulas de Educação Física.

Educação Física numa perspectiva crítica: aporte teórico/metodológico

Ao buscarmos a literatura que visa romper com a concepção esportivizada das aulas de Educação Física na escola nos deparamos com diversos autores, em especial aqueles/as que representam o “movimento renovador”, os/as quais trazem em suas produções críticas ao modelo adotado até aquele momento na Educação Física e apontam caminhos para uma prática pedagógica que rompa com a visão esportivizada, hegemônica na área.

Representam esse “movimento renovador” um grupo de professores/as que ficaram conhecidos/as na área da Educação Física como “Coletivo de Autores²”. Para o Coletivo de autores o objeto de estudo de que trata a Educação Física escolar é a cultura corporal, entendida como “[...] uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica” [...] (COLETIVO DE AUTORES,1992, p. 50).

Esses autores afirmam que a Educação Física tendo como objeto de estudo a cultura corporal traz uma expectativa que é

[...] afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos - a emancipação -, negando a dominação e submissão do homem pelo homem. (COLETIVO DE AUTORES,1992, p. 27-28).

Além disso, trazem “o esporte como prática social onde institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica”. (COLETIVO DE AUTORES,1992, p. 48). Dizem ainda que o esporte, nesta perspectiva, [...] deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como o esporte “na” escola. (COLETIVO DE AUTORES,1992, p. 48).

Assis (2001), que em sua obra “Reinventando o Esporte” também contribuiu com esse movimento renovador apontando críticas e proposições, afirma que

a Educação Física vem recebendo influências de outras instituições no que diz respeito a definição de “corpo”. Primeiro a visão higienista-eugenista (instituições médicas), seguindo com o corpo produtivo, dócil e disciplinado (instituição militar) e por último o corpo produtivo, esportivo, competitivo, apolítico, acrítico, alienado, mercador, mercadoria e consumidor (instituição esportiva). (ASSIS,2001, p. 14).

Assis (2001) apresenta duas críticas ao esporte que seriam

[...] a relação de exclusividade, de primazia ou hierarquia na organização

² Os autores e autoras são: Carmen Lúcia Soares; Celi Nelza Zülke Taffarel; Elizabeth Varjal; Lino Castellani Filho; Micheli Ortega Escobar; Valter Bracht.

das aulas de Educação Física (onde só o esporte se alto sustenta). A outra seria que o esporte que acontece na escola está a serviço da instituição esportiva, na revelação de atletas, ou seja, a escola por meio da Educação Física estaria assumindo os códigos, sentidos e valores da instituição esportiva. (ASSIS,2001, p. 16).

Essas críticas acabaram por colocar o esporte, tal qual era praticado nas aulas de Educação Física, em “xeque” e contribuindo para o surgimento dos conceitos de esporte “na escola” e esporte “da escola”. “O primeiro está ligado à instituição esportiva que visa o rendimento, já no segundo com a instituição educacional ou a valores educativos.” (ASSIS, 2001, p. 16).

Para Assis,

[...] pensar o esporte da escola, a partir de uma visão crítica em relação a códigos, valores e sentidos do esporte moderno, que são códigos, valores e sentimentos fundamentais da sociedade capitalista, implica reconhecer a necessidade e a possibilidade de pensá-lo a luz de um determinado projeto político-pedagógico, que aponta para construção de uma nova sociedade com outros códigos, valores sentidos. (ASSIS,2001, p. 20).

Neste sentido, para o autor

A escola, entendida como espaço de intervenção, é um local privilegiado de construção de um “novo esporte”, que surge das críticas ao “velho esporte” e, contraditoriamente, do imenso fascínio que ele exerce sobre os adultos e crianças, com a institucionalização de temas lúdicos, e das possibilidades emancipatórias com que ele possa se configurar. (ASSIS,2001, p. 23).

Outro autor que também contribuiu com a crítica feita ao modelo esportivizado das aulas de Educação Física é Elenor Kunz. Para ele, no contexto escolar, é fundamental que o esporte passe por transformação.

Deve haver no mínimo uma transformação didático-pedagógica dos seus elementos básicos – como os movimentos padronizados e as regras preestabelecidas de execução, para poder-se utilizá-lo como conteúdo pedagógico na Educação Física Escolar. Sua importância cultural e social é sem dúvida inquestionável, porém, isto não garante a sua legitimidade no contexto escolar sem profundas transformações. (KUNZ, 2004, p. 85).

Silva e Costa (2008) mostram que

A referência ao aspecto pedagógico é fundamental no ato de ser

professor/a e para tanto há necessidade de repensar este conteúdo no ambiente das aulas de Educação Física no sentido da formação dos/as alunos/as. Outro problema que é decorrente da desvalorização do esporte nas aulas de Educação Física, é a falta de equipamentos e manutenção das instalações específicas para as atividades na disciplina, comprometendo assim o processo pedagógico. Em alguns casos, não raros, alguns professores/as justificam e condicionam essa carência a uma prática que fica delimitada a espaços normatizados, denunciando desse modo, que a Educação Física ocupa posição secundária na escola. (SILVA e COSTA, 2008, p.4).

Vago (1996) nos diz que a Educação Física Escolar deve assumir a responsabilidade de ensinar conhecimentos sobre o esporte, tratando do "esporte da escola" e não do "esporte na escola". O autor afirma que

Cabe a escola e, mais especificamente, a Educação Física, como uma de suas tarefas, oferecer à sociedade outras possibilidades de prática de esporte. E é isso que coloca numa posição de produzir novos conhecimentos acerca do esporte, colocando-os à disposição da sociedade. O que é completamente diferente e distante de ela ser apenas um lugar de transmissão de conhecimento já pronto e inabalável sobre o esporte, ou de apenas o transpor didaticamente para a escola. (VAGO, 1996, p. 13).

Para Silva e Costa (2008, p.3) a reprodução que envolve o esporte, “[...] o que fica mais evidente é a resistência dos professores/as à mudança, já que estas propostas não são tão novas assim. Isso pode ser explicado pela formação tecnicista e pela vivência esportiva anterior ao curso de formação”. Silva e Costa (2008) afirmam que presenciam

[...] na escola a reprodução da instituição esportiva formal, excessivamente técnica e mecânica, excludente, que enfatiza a competição. Além da prática do deixar fazer, rolar a bola, daí que a Educação Física, muitas vezes, não tem o mesmo tratamento das outras disciplinas. Um dos fatores que leva a essa desvalorização é referente à apropriação de um único conteúdo utilizado inadequadamente. Portanto, é necessário compreender que o conteúdo esporte na escola tem que se dar a partir de um significado de valores que o legitimem como um bem social, buscando no esporte valores que tratem do respeito ao ser humano, a solidariedade, e a coletividade. Mas, para isso é preciso modificar suas regras, elaborando então, o esporte da escola. (SILVA e Costa, 2008, p.5).

Neste sentido, Vago (1996) afirma que

[...] a escola não poderia ficar alheia a todo esse processo histórico de consolidação do esporte como prática cultural da sociedade moderna. Ele

penetra em seus portões, é praticado em seus espaços e em tempos, consolida-se como conteúdo de ensino da Educação Física (o espaço e o tempo oficiais para o ensino). É eleito (ou imposto?) como algo digno de ser ensinado. Em suma, é por esse processo histórico que se tem o “esporte na escola”: o esporte entrou no “campo” da escola. (VAGO, 1996, p.10).

O aporte metodológico da pesquisa foi obtido por meio de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de materiais publicados em artigos; portanto, possui um caráter qualitativo descritivo (MARCONI; LAKATOS, 2011). Esse método qualitativo descritivo [...] “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 269).

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica que GIL (2002, p. 45) cita é que permite [...] “ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”.

As bases de dados que utilizamos para a realização da pesquisa bibliográfica foram: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Google acadêmico e livros. Sendo utilizado as seguintes palavras-chave: Esportivização, esporte (da) e (na) escola, competição, Educação Física Escolar, propostas pedagógicas críticas, Educação Física Crítica; além disso, livros sobre a temática da pesquisa com autores influentes na área.

O tratamento aos dados coletados se deu de maneira qualitativa considerando que

A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório. (GIL, 2002, p.133).

A partir do levantamento realizado encontramos artigos publicados nos seguintes periódicos: Movimento, Motrivivência, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Periferia, Revista Epeq/fafibe On-line, além de outros encontrados no Google acadêmico.

A análise dos dados seguiu os seguintes passos: leitura dos resumos dos textos encontrados nos periódicos acima mencionados e quando identificados elementos que

ajudariam na composição do objeto de pesquisa, foi feita a leitura completa dos textos. Como critério de inclusão foi utilizado as produções científicas que tratam sobre o assunto as quais foram publicadas a partir de 2010, com o intuito de abarcar as mais recentes.

De acordo com os critérios estabelecidos nos métodos mencionada anteriormente, encontramos num primeiro momento vinte artigos que tratam do tema. Entretanto, pela leitura dos resumos, foram excluídos doze artigos, alguns por conter o tratamento do esporte com característica de alto rendimento e/ou de treinamento de modalidades, outros porque não condiziam com o que procurávamos.

A seguir os oito artigos atendendo os critérios de inclusão, que foram artigos selecionados a partir de 2010. No quadro abaixo foi feita a relação dos artigos de acordo com o ano de publicação, autoria e título.

Quadro 1 – Artigos encontrados por ano de publicação e periódico

Ano de Publicação	Autoria e título do artigo	Periódico
2017	LOPES, Raphael Gregory Bazílio; KERR, Tiemi Okimura. O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental.	Revista Motrivivência
2017	PAIXÃO, Jairo Antônio da. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física escolar.	Revista Motrivivência
2016	ILHA, Franciele Roos da Silva, HYPOLITO, Álvaro Moreira. Esportivização da Educação Física escolar: um dispositivo e seus regimes de enunciação.	Revista Movimento
2016	DANTAS, Mayê Guedes; DANTAS, Fátima Lúcia Carrera Guedes; CORREIA, Mesaque da Silva. Por uma educação física crítica no ensino médio em Macapá.	Revista Periferia
2015	TENÓRIO, Kadja Michele Ramos et al. Propostas curriculares para Educação Física em Pernambuco: entendimentos acerca do esporte.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
2013	SILVA, Elídia Pereira da. Motivos do desinteresse dos alunos do ensino médio pelas aulas de Educação Física.	Google Acadêmico/Monografia
2012	SOUZA, Maira Roberta Teixeira de; GASPARI, Telma Cristiane. Conteúdos da Educação Física: dificuldades de aplicação.	Revista Epeq/fafibe On-line
2010	ZARDO, Thomas do Nascimento; DANIEL, Vitélio Jacinto. Aulas de Educação Física Escolar: por que sempre esporte.	EFDportes

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir da análise dos dados, 2018.

O tratamento do Esporte nas aulas de Educação Física

Foram encontrados oito artigos que tratam da temática esporte nas aulas de

Educação Física, os quais foram lidos na íntegra. Destes artigos dois enfocam uma modalidade específica, as lutas e os esportes de aventura. Três artigos tratam da questão motivacional dos/as estudantes para a participação ou não das aulas de Educação Física, considerando o esporte como fator preponderante nesta motivação ou desmotivação. Um artigo analisa o esporte de maneira geral na Proposta Educacional do Estado de Pernambuco. Dois artigos abrangem a justificativa para ministrar ou não o conteúdo esporte entre os/as professores/as, apontando as dificuldades enfrentadas.

Dentre os artigos encontrados, um é relato de experiência, que é parte da monografia desenvolvida no curso de pós-graduação lato sensu em Educação Física escolar, (LOPES e KERR, 2017), uma revisão bibliográfica (PAIXÃO, 2017), uma pesquisa empírica com uma abordagem qualitativa, com o desenvolvimento de um estudo de caso, (ILHA e HYPOLITO, 2016), uma pesquisa quantitativa e descritiva (TENÓRIO et al., 2015) e quatro pesquisas de campo (DANTAS et al., 2016; SILVA, 2013; SOUZA e GASPARI, 2012; ZARDO e DANIEL, 2010).

O artigo de Lopes e Kerr (2017) traz um breve histórico da Educação Física, no qual é afirmado que essa área de conhecimento até o surgimento do “movimento renovador” possuía características competitivas e biológicas. Muitos autores e profissionais da área por não concordarem com esse modo de pensar, apresentaram uma outra concepção de se trabalhar a Educação Física, apresentando a cultura corporal de movimento como elemento fundante dessa concepção.

A obra conhecida como Coletivo de Autores (1992) é a que sistematiza essa concepção e afirmam que a Educação Física utiliza da cultura corporal na escola, e “[...] tal área do conhecimento é configurada com temas ou formas de atividades nomeadas tais como: jogo, esporte, ginástica, dança; essas formas de atividades constituirão o conteúdo”. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.61-62).

Vago (1996) comenta que

[...] o esporte é legitimado pela sociedade e é exatamente isso que garantiria legitimidade para o ensino de Educação Física na escola: ensinar esporte. Mas [...] parece que a Educação Física somente seria legitimada na escola na medida em que transmitisse (ensinasse) esse elemento da cultura tal como ele se realiza nas sociedades modernas, com os códigos citados. Ainda completa que nessas sociedades, o esporte alcança, segundo Bracht (1992), uma “unanimidade”. (VAGO, 1996,

p.8).

Para complementar tal afirmação, Betti (2009, p.54) afirma que “[...] o esporte é um constituinte significativo das relações sociais pelas quais as pessoas produzem e atribuem sentido ao mundo.”

Com a perspectiva de tratar o esporte como mencionado anteriormente, Lopes e Kerr (2017) trazem possibilidades de inclusão das lutas nas aulas de Educação Física para alunos do sexto ano do ensino fundamental. Os autores utilizaram quatro situações de aprendizagens do conteúdo, buscando compreender, experimentar os princípios condicionais das lutas, suas classificações. Os autores citam que essas situações de aprendizado permitiram a interconexão entre o saber fazer e as razões do fazer nas diversas situações impostas. A experiência do conteúdo lutas no meio escolar rompe paradigmas, tais como a questão da violência ou a necessidade de ser especialista em Lutas para abordá-las.

O trabalho com o tema lutas no meio escolar por meio de jogos, para os autores facilitaria a compreensão do conteúdo. Lopes e Kerr (2017) completam que os jogos são formas não esportivizadas que consideram as características da modalidade utilizando o aspecto lúdico e a preocupação com a aprendizagem. Citam que a inserção de um “conteúdo novo” na escola passaria primeiro pela mudança de atitude do professor, que exige a aceitação dos desafios e novas formas de pensar e atuar na Educação Física escolar, além disso, a forma como foi organizado o trabalho não apontou para a necessidade de o professor ser especialista em alguma modalidade de luta para poder ensiná-la.

De acordo com Oliveira (1988), o jogo seria um meio privilegiado, pois

[...] é o elemento da cultura que contém maiores possibilidades para sociabilizar (tornar sociável) e também socializar (estender vantagens particulares ao grupo[...]) oferece reais oportunidades para o exercício da democracia [...] permite a emergência de valores genuínos, em lugar daqueles que, normalmente, são impostos. (OLIVEIRA,1988, p. 99).

Entendemos que a maneira de tratar as lutas na visão dos autores Lopes e Kerr (2017), coaduna com aquilo que o Coletivo de Autores (1992) traz ao tematizar o esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, e, portanto, está em uma dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, o Coletivo de Autores (1992) mostra que o esporte

deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como esporte “na” escola.

Sadi et al. (2008) trazem o esporte como um produto cultural que surge do jogo, e somente quando institucionalizado, é assim intitulado. Citam que todo esporte se origina de um jogo, sendo mais fácil a compreensão utilizando os jogos como elementos metodológicos para o ensino do esporte. Tornando necessário a abrangência de procedimentos que vão mais simples aos mais complexos.

O artigo de Paixão (2017) é resultado de um levantamento bibliográfico sobre o tema esporte de aventura e sua tematização com possibilidades de seu trato nas aulas de Educação Física na escola. O objetivo do autor com o texto foi investigar possibilidades para o trato das diferentes modalidades que compõem o esporte de aventura como conteúdo da Educação Física escolar tendo em vista as dimensões conceitual, atitudinal e procedimental. Ressalta sobre o valor educativo do esporte de aventura como conteúdo da Educação Física escolar que possui aspectos motivacionais como o ambiente diversificado de práticas, tendo como eixo norteador o risco e fortes sensações.

O autor traz o esporte de aventura como um campo de intervenção profissional docente inovador, instigante e repleto de possibilidades para diferentes âmbitos de ensino e aprendizagem, inclusive o escolar. Enquanto área de conhecimento e fonte de intervenção social, ele complementa que a Educação Física como componente curricular, consegue dar conta de forma específica e profícua da abordagem de temas que relacionam a práticas corporais ao meio ambiente e à natureza, o autor ainda completa que o esporte de aventura proporciona ao profissional de Educação Física essa plataforma de trabalho.

Paixão (2017) afirma que a inclusão de novos conteúdos na escola demanda um processo árduo, no qual se faz necessário o rompimento de paradigmas, que se encontram cristalizados na própria história escolar. Além disso, os alunos devem receber outros conhecimentos presentes na Cultura Corporal de Movimento e assim, aumentar seus conhecimentos, experiências e possibilidades de escolhas.

Essas ideias defendidas por Paixão (2017), se aproximam das encontradas em Betti, que a conceitua a Educação Física na escola como

Uma disciplina que tem por finalidade propiciar aos alunos a apropriação

crítica da Cultura Corporal de Movimento, visando a formar um cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, dança e atividades rítmicas/expressivas, lutas/artes marciais, praticas alternativas. (BETTI, p.64, 2009).

Concordando com Paixão e Betti, acreditamos que todas as formas que incluem a apropriação crítica da cultura corporal são bem vistas, atentando para a real situação da Educação Física escolar, em que ainda muitos professores/as utilizam somente de quatro modalidades esportivas (voleibol, futsal, basquetebol e handebol), privando os alunos de experiências e vivências motoras mais amplas e mais ricas de fundamentação teórica e prática contextualizada.

Ilha e Hypolito (2016) analisam como os regimes de enunciação capturados nos discursos de professores/as na pesquisa empírica, reforçam o -dispositivo da esportivização, também presente no discurso da Secretaria Municipal de Educação, por meio do documento com orientações curriculares pautadas no ensino dos esportes. O dispositivo da esportivização da Educação Física Escolar emergiu diante da intenção de investigar a regulação curricular da Educação Física e seus efeitos no trabalho de docentes iniciantes. Partiu-se do pressuposto que essa regulação se estabelece por meio de um processo negociado, resultado de um jogo de forças, nunca finalizado, sempre em processo, entre discursos e/ou dispositivos que disputam a hegemonia curricular do componente.

A fundamentação teórico-metodológica dos autores baseou-se nos estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Ao analisar as relações de poder na sociedade moderna, Foucault (2011), citado pelos autores, identifica dispositivos de poder, como visto nas instituições disciplinares (escola, hospital, prisões). A escola foi por ele considerada uma instituição disciplinadora de corpos atuando por meio de técnicas e mecanismos, de dispositivos de poder. A organização do espaço escolar, sua arquitetura, as classes, são exemplos desses dispositivos na domesticação de corpos.

Os pressupostos metodológicos estão alicerçados na abordagem qualitativa, com o desenvolvimento de um estudo de caso. A pesquisa de campo foi realizada na rede municipal de ensino de Pelotas/RS e teve dois momentos. Primeiro, fizeram entrevistas com seis professores de Educação Física iniciantes na carreira docente no contexto escolar, e posteriormente, o estudo de caso em uma escola da rede. Esses docentes atuam com

alunos da pré-escola ao 9º ano do ensino fundamental.

Ilha e Hypolito (2016) citam que o saber que tem delineado as práticas curriculares da Educação Física escolar é o esporte. São determinadas modalidades esportivas – os esportes coletivos e principalmente o futebol – que possuem como principais características a competição e a exclusão. Os autores ainda ressaltam que o esporte está previsto no componente curricular, porém algumas modalidades têm ocupado espaço exacerbado.

Os aspectos recorrentes nos discursos dos seis professores entrevistados a respeito do que é preciso considerar na organização curricular da disciplina foram: atendimento aos interesses dos alunos, os professores privilegiam o esporte de rendimento por levarem em consideração os interesses dos alunos, os alunos não querem conhecer o histórico da modalidade preferida, aprimorar o conhecimento de regras ou mesmo as técnicas e táticas esportivas, eles querem “somente jogar”. Discurso de que a organização curricular da Educação Física depende dos recursos físicos e materiais disponíveis na escola, implicando em uma abordagem de ensino que priorizará a padronização de recursos; O discurso curricular da Secretaria Municipal de Educação (SME) reforça o dispositivo da esportivização, em suas orientações curriculares. Tanto no documento curricular da SME como nos recursos físicos e materiais disponíveis para as aulas de Educação Física na escola investigada.

Para o Coletivo de Autores (1992) quando a Educação Física escolar trata o conhecimento tendo como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física, conseqüentemente a competição e a exclusão (que é a defesa de interesses entre classes, mantendo a disposição da sociedade capitalista); o conhecimento que o aluno e aluna aprende é resultante do exercício de atividades corporais que lhe permitam atingir o máximo rendimento da sua capacidade física.

Para fechar tal afirmação, os mesmos autores citados acima apontam que o esporte é selecionado, possibilitando o esporte de alto rendimento, e por isso, as modalidades esportivas selecionadas são geralmente as mais conhecidas e de prestígio social.

Nessa mesma linha de discussão Vago traz uma afirmação sobre como o esporte é influenciado pelo capitalismo

[...] numa sociedade estruturada em moldes capitalistas de produção, como é a brasileira, o esporte não ficou imune a um processo de

mercantilização que parece sem fronteiras. O esporte incorpora (ou já é mesmo criado com) os valores estimulados por este modelo: a competição, a classificação, a seleção, a comparação, a performance, a vitória... enfim, aqueles mesmos códigos indicados por Bracht. A paulatina constituição do esporte com a propriedade de ser "de rendimento" indica uma das suas possíveis formas de manifestação numa sociedade de moldes capitalistas. (VAGO, p. 9, 1996).

A pesquisa de Dantas et al. (2016) é um trabalho de conclusão de curso que visou responder o porquê da desmotivação dos alunos nas aulas de Educação Física do Ensino Médio em Macapá. O trabalho de campo teve como hipótese inicial que as atividades ministradas durante as aulas eram destituídas do contexto social, os objetivos das atividades não eram explicitados e justificados, tornando assim o aprendizado dos alunos acrítico e desmotivante.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa quantitativa e qualitativa descritiva de Dantas et al., fez uso da narrativa e dados estatístico para compreensão do fenômeno estudado. O estudo foi desenvolvido nas escolas de Ensino Médio, do município de Macapá, tendo como público alvo alunos do 3º ano, com faixa etária de 16 a 19 anos. Como técnica de coleta de dados, foi utilizado a observação participante, a entrevista e o questionário.

O resultado desse estudo demonstra que o problema se fundamenta em questões históricas e ligadas ao sistema educacional dentro de um contexto maior: a sociedade capitalista moderna com todo seu aparato sistêmico. É de suma importância que a Educação Física no Ensino Médio não seja uma etapa na vida escolar marcada por repetição dos fundamentos e conteúdos dados ao longo do Ensino Fundamental, mas deve ser adequado para cada faixa etária como consta da Lei de Diretrizes e Base (LDB), contando na ressignificação da prática desportiva dentro do meio escolar e integrada com seu contexto social.

Dantas et al. (2016) finalizam que é dever do professor utilizar o esporte como um meio, mas que deve expandir as finalidades tendo em vista o esporte não com um único fim para alcançar a cultura de movimento, proporcionando aos alunos aporte necessário para aumentar as possibilidades e capacidades que podem ser alcançadas nas aulas, além de possibilitar ao aluno uma aula mais motivante com o leque que a Educação Física nos proporciona além contribuir para o aluno ser crítico.

Os próprios autores do artigo trazem elementos para o entendimento da

desmotivação dos alunos nas aulas de Educação Física na escola que seriam: a repetição de fundamentos e repetição de conteúdos dados ao longo do Ensino básico, além disso, afirmam que é necessário a ressignificação da prática desportiva dentro e integrada com seu contexto cultural, não só da prática de atividades físicas, mas fazer com que os mesmos usem de conhecimentos teóricos, tanto da área de Educação Física quanto do campo relacionado aos problemas sociais, desenvolvendo assim a capacidade de criticidade e debate de seus pontos de vista de forma contextualizada.

Kunz ao criticar a maneira que o esporte vem sendo tematizado nas aulas de Educação Física afirma que

Em lugar de ensinar os esportes na Educação Física Escolar pelo simples desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, numa concepção crítico-emancipatória, deverão ser incluídos conteúdos de caráter teórico-prático que além de tornar o fenômeno esportivo transparente, permite aos alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades. Isso implica que no ensino além do trabalho produtivo de treinar as habilidades e técnicas – que nunca deixam de ser importantes – deve ser considerado dois outros aspectos que, em muitas instancias, são mais importantes. Trata-se da interação social que acontece em todo processo coletivo de ensinar e aprender, mas que deve ser tematizada enquanto objetivo educacional que valoriza o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa. (KUNZ, 2001, p. 36-37).

Tenório et al. (2015) com seu estudo analisam o tema esporte como foi abordado nas propostas curriculares para Educação Física no Estado de Pernambuco de 1989 a 2013, por meio de uma pesquisa documental de abordagem qualitativo-descritiva orientada a partir de Triviños (1987) e Minayo (2004). A organização dos dados foi feita por meio da construção de quadros analíticos, que levaram em consideração o entendimento de esporte diante das categorias: Educação Física Escolar (EFE) analisando o processo e o objeto de estudo, o Currículo (processo de construção e conteúdos) e Práticas pedagógicas (contemplando os aspectos metodológicos).

Os autores apontam que o esporte nas diferentes propostas curriculares para a Educação Física escolar do estado de Pernambuco, tem suas incoerências e marcas de conflitos epistemológicos e culturais, mas deve ser reconhecida sua legitimidade em seus objetos de estudo e no seu processo de construção. Inferem que o trato metodológico proposto é influenciado pela interpretação do esporte de alto rendimento como um artefato

das instituições esportivas, dificultando a diferença entre o esporte da escola e o esporte na escola. Completa também que há uma tentativa de romper com essa visão de alto rendimento, devido a reorganização das relações de poder, passando a se configurar com uma força maior na Educação Física escolar.

Silva e Costa (2008) apontam as características de esporte de rendimento

Esportes competitivos, de contato, agressivos e violentos, são considerados exemplos de virilidade e força, consequentemente masculino, o que afasta as meninas da prática. Mas, as meninas não são as únicas excluídas, isto também acontece com os meninos mais fracos. O inverso também ocorre quando homens praticam esportes geralmente ditos como femininos. De modo geral, nas aulas de Educação Física e nas aulas livres evidenciam-se a divisão de meninos e meninas, onde na maioria das vezes os/as alunos/as escolhem as atividades que vão realizar e estas se resumem ao futebol para os meninos e vôlei para as meninas. Assinalo que quando nos reportamos ao conceito de gênero e esporte, vale recordar que gênero é a construção social e histórica da feminilidade e masculinidade que se dá de modo plural de acordo com a sociedade em que vivemos e com o momento histórico. Também é importante considerar que o esporte é genereficado, isto é, institui diferenças entre homens e mulheres, evidenciando a relação de poder entre os sexos. Não ocorre a articulação e sim as exclusões com reforço das desigualdades impossibilitando a relação saudável entre meninos e meninas. Isto não quer dizer que não podemos trabalhar com o conteúdo esporte. Cabe ressaltar que os/as alunos/as devem vivenciar o esporte regulamentado e compreender tal contexto. Mas, no contexto escolar, deveríamos trabalhar com o esporte da escola. (SILVA e COSTA, 2008, p.8).

Para dar sentido a tal afirmação Costa e Silva (2008), se embasam naquilo que o Coletivo de Autores (1992) sustenta:

[...]temos, então, não o esporte da escola mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da Educação Física aos códigos/sentido da Instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc. (COLETIVO DE AUTORES, 2008, p.54).

O artigo de Silva (2013) é caracterizado como pesquisa de campo, mais especificamente um estudo de caso, de caráter descritivo-qualitativo. Teve como objetivo analisar a participação e o interesse dos alunos do Ensino Médio, especificamente os do 1º ano “A”, nas aulas de Educação Física, do Colégio Estadual Osório Rodrigues Camargo,

do município de Abadiânia (Goiás), bem como colocar em discussão os fatores que levaram os mesmos a evadirem-se das referidas aulas. Durante a pesquisa, foi aplicado um questionário com dez questões abertas entre os alunos, com o intuito de descobrir os motivos do desinteresse e ainda para conhecer as suas percepções sobre a disciplina de Educação Física.

Foi dividido em dois capítulos o trabalho. No primeiro capítulo, uma discussão sobre o que é Educação Física além de mostrar como a Educação Física se estabelece dentro do Ensino Médio. No segundo capítulo houve descrição e análise dos dados da pesquisa, destacando o que tem motivado os alunos a participarem e/ou não participarem das aulas de Educação Física.

Os resultados obtidos apontaram o excesso de jogos, como fator preponderante para o afastamento daqueles que não se sentiam aptos, ou não simpatizam pelos mesmos. De posse do resultado, se buscou nas referências bibliográficas, principalmente nos Parâmetros Curriculares, e em autores como Soares, Darido, Betti; Zuliani e outros, o embasamento e suporte necessário para compreender a questão, como ainda, apontar possíveis soluções.

Silva (2013) conclui que o desinteresse dos alunos, pelas aulas de Educação Física, está ligado a negação de conteúdos da Educação Física pelo professor, não identificação de estratégias interessantes sobre reflexão pedagógica e prática descontextualizada. Além disso, o autor sugere a reestruturação das aulas, juntamente com os professores de outras disciplinas, para que a mesma assuma o papel da interdisciplinaridade, dando oportunidade aos alunos de aprofundarem seus estudos.

Darido (2005) faz referência a seu próprio estudo em 2003 apresentando que

Atualmente, coexistem, na área da Educação Física, diversas concepções sobre qual deve ser o papel da Educação Física na escola. Essas concepções têm em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional. São elas: Humanista; Fenomenológica; Psicomotricidade, baseada nos Jogos Cooperativos; Cultural; Desenvolvimentista; Interacionista-Constructivista; Crítico-Superadora; Sistêmica; Crítico-Emancipatória; Saúde Renovada, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998); além de outras. (DARIDO, 2005, p. 34).

Assis (2001, p.128) traz que [...] “um trato diferenciado e crítico do esporte não deve afastar os alunos do esporte criticado, mas dirigir esse contato através de uma

“transformação” que garanta a preservação significado, a vivência de sucesso nas atividades e a alteração de sentidos através da reflexão pedagógica. [...]”

Souza e Gaspari (2012) tiveram como objetivo verificar quais os conteúdos aplicados pelos professores de Educação Física durante as aulas e se estes apresentam dificuldades na aplicação desses conteúdos. Participaram do estudo sete professores da rede pública do município de Guaira/SP, que ministram aulas do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental. Foram utilizadas entrevistas como instrumento para a coleta de dados contendo nove questões abertas e foi observada pelo menos uma aula de cada professor. Os resultados apontaram que os conteúdos mais utilizados foram os esportes tradicionais como vôlei, basquete, handebol e futebol.

Mediante as respostas dos professores o esporte sempre foi colocado como conteúdo predominante nessas aulas e sua prática pouco significativa como uma mera reprodução do esporte espetáculo difundida pelos meios de comunicação. Na maioria das vezes, outros conteúdos importantes que não sejam os esportivos tradicionais não são trabalhados (ou não foram citados pelos professores participantes), ficando sem sentido para os alunos que as vivenciam. Os professores concluíram que as dificuldades encontradas não são decorrentes dos conteúdos, mas sim da falta de disciplina dos alunos. Devido ao planejar as aulas não despertando o interesse dos alunos para as atividades propostas.

Souza e Gaspari citam os Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs) que sugerem a sistematização das aulas de Educação Física de forma a abordar os conteúdos nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais para que dessa forma o ensino possa ser mais efetivo e motivante, promovendo o principal objetivo da educação é a formação integral do aluno.

Souza e Gaspari 2012 corroborando com Darido (2005) comentam que para facilitar a adesão dos alunos às práticas corporais é necessário diversificar as suas vivências nas aulas, para além dos esportes tradicionais (futebol, handebol, vôlei e basquete), é importante a inclusão das vivências das ginásticas, jogos, brincadeiras, lutas e danças para uma possível identificação dos alunos, sendo assim a Educação Física na escola deve incluir todos os alunos nos conteúdos propostos.

O estudo de Zardo e Daniel (2010) teve como tema de pesquisa: “Educação Física

Escolar: Por que sempre esporte?’, que buscou conhecer e identificar como a Educação Física está sendo trabalhada nas séries finais do ensino fundamental, e como é abordado o conteúdo de esporte nas aulas.

O estudo visou registrar, analisar, descrever e interpretar de por que as aulas de Educação Física Escolar estão esportivizadas, na visão dos Professores da área no Município de Maravilha, SC. A amostra foi composta de 11 professores licenciados em Educação Física, sendo 4 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idade entre 20 a 51 anos, das Escolas Públicas do Município de Maravilha, SC. O instrumento para coleta dos dados foi entrevistas por meio de perguntas estruturadas, relacionada aos objetivos de pesquisa.

Os autores fazem um breve histórico de como a Educação Física é importante para o desenvolvimento do Homem. Além de apresentarem um referencial teórico acerca da Educação Física escolar, citando autores referências da área. Os autores também separam na pesquisa um tópico que fala somente da esportivização da Educação Física escolar.

A realidade das aulas de Educação Física escolar são quatro modalidades desportivas, tendo como objetivo a formação de atletas e não de cidadãos capazes de conhecer seus limites e praticarem atividades físicas regularmente para seu bem-estar e uma melhor qualidade de vida. E através disso, os autores citam os Jogos Cooperativos como uma forma alternativa de conteúdo nas aulas de Educação Física escolar das séries finais do Ensino Fundamental, para tentar mudar a visão competitiva dessas aulas, trazendo os valores como a comunicação e a cooperação, para demonstrar aos professores outras formas de trabalharem em sua área tornando a aula dos alunos menos competitiva e esportivizadas, com um conhecimento mais útil para seu cotidiano.

Os autores concluem que os Jogos Cooperativos nas séries finais do Ensino Fundamental é uma proposta alternativa possível e viável de ser trabalhada. A implementação de uma prática diferente e prazerosa desperta nos alunos um grande interesse pelas aulas, a motivação a participação e as relações interpessoais se mantiveram presentes. A proposta encontrou êxito em toda sua intenção, proporcionando ao professor não apenas a vivência de como está a Educação Física atual, mas também de como trabalhar o conteúdo de esporte em suas aulas através dos Jogos Cooperativos, e assim tornando toda a Educação Física escolar mais completa em que todos possam alcançar.

Correia (2006, p. 154) afirma que os Jogos cooperativos se baseiam

[...] na cooperação, na aceitação, no envolvimento e na diversão, tendo como propósito mudar as características de exclusão, seletividade agressividade e de exacerbação da competitividade predominantes na sociedade[...] (154).

Com os jogos cooperativos, a Educação Física escolar pode enxergar com muito mais facilidade a integralidade do ser humano e a necessidade de trabalhar valores tais como a solidariedade, a liberdade responsável e a cooperação. (158).

De maneira geral os textos analisados apontam para a presença de uma visão ainda bastante esportivizada nas aulas de Educação Física. Fica muito claro que muitos dos professores/as que estiveram e estão na Educação Física escolar tiveram influências na vida acadêmica para a perpetuação de tal perspectiva. Os professores/as que utilizam somente dessa perspectiva esportivizada trazem uma carga de especialização precoce na formação, ou seja, durante sua formação estiveram mais ligados à área do bacharelado e devido a poucas oportunidades nessa área, foram trabalhar nas escolas.

É importante lembrar que os mais prejudicados são os alunos que são privados de outras experiências da cultura corporal de movimento citada por muitos autores dessa pesquisa. O esporte faz parte da cultura de movimento, mas não existe apenas esse conteúdo e ainda assim a forma que é tratado na escola traz a separação entre melhores e piores, entre os/as mais habilidosos/as, induzindo e reproduzindo o que a instituição esportiva traz nos seus moldes, que seriam o alto rendimento, o esporte de competição e a exclusão.

Dessa forma, esses artigos que foram analisados criticam a maneira tecnicista que o esporte é tratado, favorecendo o desinteresse dos/as alunos/as pelas aulas de Educação Física por não ensinar aos/às alunos/as todos os conteúdos e ainda permanecer sem atividades motivadoras e atrativas aos olhos dos/as alunos/as. Além disso, propõem outras metodologias relevantes da Educação Física e/ou releitura de um esporte, trazendo um caráter mais lúdico. Um dos artigos ainda traz a indisciplina dos/as estudantes como fator limitante para que aula aconteça de maneira satisfatória.

Conclusão

A finalidade deste estudo foi compreender os fundamentos teóricos que sustentam as teorias críticas em Educação Física escolar, mais especificamente no tratamento que os/as professores/as têm dado ao tema esporte. Buscamos subsidiar essa discussão a partir da produção teórica da área no que concerne ao esporte na Educação Física escolar; fazendo apontamentos sobre as possibilidades de abordagem do esporte para além de uma visão esportivizada, que ainda é predominante.

Os estudos afirmam que a perspectiva esportivizante ainda é a que sustenta o tratamento do esporte na escola, em função das experiências vivenciadas na formação inicial. Apontam também um desinteresse generalizado por parte dos/as estudantes quando da predominância dos aspectos tecnicistas em detrimento de outras dimensões do conhecimento. Como afirma Kunz (2004) a competência objetiva ainda é a mais trabalhada na Educação Física escolar, enquanto as competências social e comunicativa são pouco exploradas.

As possibilidades de superação dessa visão esportivizada que encontramos na revisão bibliográfica apontam para um tratamento mais lúdico do esporte, para uma prática pedagógica contextualizada, a utilização de jogos cooperativos, a diversificação das práticas corporais vivenciadas nas aulas de Educação Física na escola, tomando como referência a cultura e não a instituição esportiva. Dessa forma, outras manifestações corporais, como a dança, os jogos, as ginásticas, as brincadeiras, as lutas e os esportes de aventura, deveriam também orientar as práticas pedagógicas dos/as professores/as de Educação Física.

Pensando na formação inicial, esse trabalho me possibilitou uma visão crítica da Educação Física, o que irá influenciar na maneira como irei abordar esse tema na escola, buscando superar essa visão hegemônica do esporte de rendimento e tratar o esporte como fenômeno cultural, presente na sociedade e, por conseguinte tematizá-lo como saber escolar a ser ensinado/vivenciado, contribuindo para a inclusão de todos e todas e não reforçando a exclusão, ainda presente na sociedade e na escola.

Referências

ASSIS, Sávio. **Reinventando o esporte**: Possibilidades da prática pedagógica. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2001. 217 p.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Disponível em: <<https://professorricardopace.files.wordpress.com/2015/02/metodologia-do-ensino-de-educac3a7c3a3o-fc3adsica.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.

CORREIA, Marcos Miranda. Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 27, n. 2, jul. 2008. ISSN 2179-3255. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.phd/RBCE/article/view/99/107>. Acesso em: 26 jun. 2018.

DANTAS, Mayê Guedes; DANTAS, Fátima Lúcia Carrera Guedes; CORREIA, Mesaque da Silva. Por uma Educação Física crítica no ensino médio em Macapá. **Periferia: Educação, Cultura e comunicação**, Macapá, v. 8, n. 2, p.92-107, jul. 2016. Semestral. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.ue.rj.br/index.php/periferia/articlo/view/27742/20139>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

DARIDO, Suraya Cristina. **Diferentes Concepções Sobre o Papel da Educação Física na Escola**. 2005. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/1/01d19t02.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2018.

Dicionário crítico de educação física/ Org. Fernando Jaime González, Paulo Evaldo Fensterseifer-Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.- 424 p. (Coleção educação física)

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Atuação dos professores na Educação Física escolar: entre o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica. In: SILVA, Paula Cristina da Costa et al. **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e américa latina**: suas conexões com a Educação Física e as ciências do esporte. Florianópolis: Editora Tribo da Ilha, 2016. Cap. 3. p. 45-70.

ILHA, Franciele Roos da Silva, HYPOLITO, Álvaro Moreira. Esportivização da Educação Física escolar: um dispositivo e seus regimes de enunciação. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 173-186, jan. /mar. 2016. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/55467>>. Acesso em: 13 out. 2017.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Editora Unijui, 2004. v. 01. 160 p.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: Ensino & Mudanças**. 2ª. ed. Ijuí: Unijuí, 2001. 207p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LOPES, Raphael Gregory Bazílio; KERR, Tiemi Okimura. O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 262-279, set. 2015. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p262>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 113p.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, abr. 2017. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

SADI, Renato Sampaio; COSTA, Janaína Cortês; SACCO, Bárbara Torres. Ensino de esporte por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 17-26, mar. 2008. ISSN 1980-6183. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/1298/3333>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

SILVA, Anna Karina Scaramella da; COSTA, Maria Regina Ferreira da. **Repensando o esporte na escola e da escola**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1758-8.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

SILVA, Elídia Pereira da. **Motivos do desinteresse dos alunos do ensino médio pelas aulas de Educação Física**. 2013. Disponível em: <[http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4557/5/TCCG – Educação Física – Elídia Pereira da Silva.pdf](http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4557/5/TCCG-Educacao_Fisica-Elidia_Pereira_da_Silva.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SOUZA, Maira Roberta Teixeira de; GASPARI, Telma Cristiane. Conteúdos da Educação Física: dificuldades de aplicação. **Revista Epeq/fafibe On-line**, São Paulo, v. 4, n. 1, p.1-15, 20 nov. 2012. Anual. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaepqfafibe/sumario/24/2011_2012094541.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

TENÓRIO, Kadja Michele Ramos et al. Propostas curriculares para Educação Física em Pernambuco: entendimentos acerca do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 37, n. 3, p.280-288, 06 jun. 2015. Semestral. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/pt/propostas-curriculares-educacao-fisica-em/articulo-resumen/S0101328915000608/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4-17, ago. 2007. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2228>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

ZARDO, Thomas do Nascimento; DANIEL, Vitélio Jacinto. **Aulas de Educação Física Escolar: por que sempre esporte?** 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd151/aulas-de-educacao-fisica-escolar-por-que-sempre-esporte.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2017.